

**OS “BASTIÃO” E O SOTAQUE: UMA ABORDAGEM
SOCIOLINGUÍSTICA SOB A PERSPECTIVA
DO PRECONCEITO LINGUÍSTICO VIVENCIADO
PELOS PARTICIPANTES DO BBB21**

Mayara Xavier Vito Pezarino (UENF)

mayarapezarino@gmail.com

Ester Portugal da Silva Rocha (UENF)

portugal.ester20@gmail.com

LorraneEstacio do Prado da Silva (UENF)

lorraneestacio10@gmail.com

Eliana Crispim França Luquetti (UENF)

elinafff@gmail.com

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo discutir sobre a presença do sotaque dos participantes da 21ª edição do Big Brother Brasil (BBB21) enquanto pertencentes da região Centro-Oeste do Brasil, analisando os padrões linguísticos impostos pela mídia brasileira. Sendo assim, o reality show em questão, torna-se objeto de estudo deste trabalho. Diante disso, esta pesquisa parte da seguinte questão-problema: Em que medida a mídia brasileira influencia na manifestação linguística dos falantes? Desse modo, a fim de justificar a pesquisa e evidenciar a diversidade dos brothers, investiga-se o preconceito linguístico e as desigualdades relacionadas ao uso da linguagem. Quanto à metodologia, trata-se de uma revisão bibliográfica, tendo respaldo teórico em Bagno (2015), pela abordagem do preconceito linguístico; Bakhtin (2010), que apresenta estudos sobre a estética da criação verbal; Mendes (2006), por discorrer sobre a padronização do sotaque proposta pela Rede Globo, entre outros. Além disso, realizou-se uma discussão sobre alguns *tweets* que os internautas fizeram acerca do sotaque dos participantes do BBB21. Como resultados, constatou-se que a extensão territorial brasileira influencia na diversidade linguística existente no país, por isso, a mídia não pode desprezar nenhum modo de falar. Destaca-se, então, a relevância de programas como o BBB.

Palavras-chave:

BBB21. Sotaque. Preconceito Linguístico.

ABSTRACT

This article aims to discuss the presence of the accent of the participants of the 21st edition of Big Brother Brasil (BBB21) in the Midwest region of Brazil, analyzing the linguistic patterns of taxes imposed by Brazilian media. Thus, the reality show in question, becomes the object of study of this work. This research, part of the following question-problem: To what extent does the Brazilian media influence the linguistic manifestation of speakers? Thus, in order to justify the research and highlight the diversity of the brothers, linguistic prejudice and inequalities related to the use of language. Regarding the methodology, this is a literature review, having theoretical

support in Bagno (2015), the approach of linguistic prejudice; Bakhtin (2010), that presents studies on the aesthetics of verbal creation; Mendes (2006), for discussing the standardization of the accent by Rede Globo. In addition, they held a discussion about some tweets that tweets made about the participants' accent BBB21. Results, it was found that the Brazilian territorial extension influences linguistic diversity exists in the country, so, the media cannot despise anyway of speaking. Stands out, the relevancy of the program is similar to BBB.

Keywords:

Accent. BBB21. Linguistic Prejudice.

1. Introdução

A tecnologia está cada vez mais presente na vida dos indivíduos gerando uma grande mobilidade e praticidade na transmissão de informações por meio dos diversos meios de comunicação. Nesse contexto, as mídias digitais têm grande influência, visto que proporcionam uma mudança social. Ou seja, ao apresentar o seu conteúdo, ajudam na globalização das informações, extrapolam, portanto, as barreiras geográficas existentes e expõem os conteúdos de forma pública, o que, consequentemente, propicia o compartilhamento de conhecimentos.

Nas mídias sociais, especialmente no meio televisivo, observam-se múltiplas manifestações linguísticas, isto é, identificam-se recursos linguísticos e características próprias de cada falante. Com isso, faz-se necessário discutir as abordagens apresentadas em torno do repertório linguístico, uma vez que este pode sofrer influência da língua padrão estabelecida pela mídia televisiva. Infere-se que as informações e o modo representativo da mídia televisiva, na maioria das vezes, busca expor a oralidade com base num padrão linguístico, como se somente a norma padrão fosse a de prestígio, assim, colocam as demais variantes como inferiores e, de certa forma, ridicularizam as características linguísticas e/ou sociais dos outros falantes urbanos ou rurais.

O presente trabalho busca analisar o impacto midiático no reality show Big Brother Brasil (BBB), visto que esse é um programa no qual há a presença de diversas manifestações linguísticas de regiões distintas e formas expressivas da linguagem se realizar. A inquietação e motivação desta pesquisa se dão pelo fato de que muitos falantes ainda sofrem preconceito mediante aos seus modos de usar a língua, pois compreendemos que a língua não é um fenômeno abstrato, ela está sempre sujeita a mudanças.

Essa ocorrência de preconceito linguístico tornou-se evidente com a participação de Caio e Rodolfo, popularmente conhecidos como os “Bastião”, no BBB21. Os “Bastião” (apelido carinhoso que eles se deram no programa, visto que, segundo Rodolfo, este representa um lugar cai-pira) são de Goiás, estado da região Centro-Oeste, por isso, eles falam de acordo com o local em que vivem. Apesar de existir a diversidade linguística, os participantes foram alvos de ataques nas redes sociais, principalmente no *Twitter*, onde muitas pessoas afirmaram que eles forçaram o sotaque durante o *reality show*, já que em algumas conversas, o sotaque não saiu tão carregado.

A língua falada no Brasil é heterogênea, assim, o português falado aqui apresenta um alto índice de diversidade e de variabilidade. Por esse motivo, é preciso levar em consideração toda essa pluralidade da nossa língua, reconhecer as variações linguísticas e entender que a língua materna se manifesta de forma interacional, de acordo com cada comunidade de fala.

Ao apresentar essa diversidade, a mídia televisiva costuma tratar o sotaque como um fenômeno linguístico inferior ou até mesmo “engraçado”, como se essa manifestação linguística fosse inadequada ao uso da língua. Isso ocorre devido à padronização imposta por esse meio, de que as variações diatópicas, seus dialetos e sotaques não correspondem à heterogeneidade presente na língua.

Destaca-se a importância de estar sempre tratando dessa abordagem sociolinguística no âmbito das mídias digitais, uma vez que elas influenciam na vida das pessoas. Além disso, o ensino das variações não pode acontecer de forma reduzida, desconsiderando a totalidade e associado às noções de “certo” e “errado”, as quais, conseqüentemente, propagam o preconceito linguístico entre os falantes.

Diante disso, trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter bibliográfico, tendo respaldo teórico em Bagno (2015), pela abordagem do preconceito linguístico; Bakhtin (2010), que apresenta estudos sobre a estética da criação verbal; Mendes (2006), por discorrer sobre a padronização do sotaque proposta pela Rede Globo, entre outros. Em seguida, fez-se uma discussão sobre alguns tweets que os internautas fizeram acerca do sotaque dos participantes do BBB21.

2. *O impacto midiático do Big Brother Brasil: uma breve contextualização por meio da perspectiva sociolinguística*

O cenário do programa televisivo BBB, ao longo dos anos, tem permitido aos seus participantes uma enorme visibilidade, afinal, na maioria das vezes, trata-se de pessoas que saem do anonimato e, no outro dia, suas redes sociais são acessadas por milhares de pessoas. O plano de fundo do programa ilustra a enorme diversidade que há entre os indivíduos, a qual inclui aspectos sociais, emocionais, sexuais, acadêmicos e até mesmo religiosos.

A dinâmica do *reality show* faz com que os participantes se encontrem em uma casa e comecem a desenvolver uma relação social, que por vezes são positivas, mas também podem ser negativas. Isso ocorre pois num mesmo espaço abrigam pessoas diferentes, com características distintas. Essa situação torna-se evidente ao observar como cada participante transmite sua cultura, o modo de falar de cada região e a identidade de sua comunidade linguística.

O programa consiste no confinamento de um número variável de pessoas, normalmente 20 participantes, sendo observados 24 horas por dia, sem conexão com o mundo exterior. Os jogadores são escolhidos pela equipe de produção do programa, onde obtêm o total direito de desistência a qualquer momento e ao final do programa o vencedor leva 1,5 milhão em dinheiro.

Apesar dos participantes possuírem redes sociais, ao entrarem no jogo, estes ainda não têm noção da enorme propagação das informações que o programa compartilha, visto que, ao entrarem no reality, não podem ter nenhum contato com o meio externo. Dessa forma, o público escolhe o seu participante favorito, o qual mais se identifica, assim, os *brothers* não conseguem imaginar o que as pessoas do outro lado pensam ou concluem sobre eles. Nesse sentido, “a sociedade é influenciada pelo que vê e ouve através da mídia, formando, assim, a chamada opinião pública” (MENDONÇA, 2013, p. 372).

Dentro do reality, os participantes vivenciam todos os tipos de situações, por isso, acabam externando falares e comportamentos que aproximam o telespectador da realidade social da casa. Vale destacar que esse programa mostra a diversidade da língua, pois cada participante é pertencente a uma região do Brasil.

Toda a eventualidade do programa acontece de forma dinâmica com alguma intenção. Por cada participante ter sua maneira de represen-

tatividade, gera no público uma curiosidade ao conhecer novas características que até então desconheciam. Os jogadores têm como objetivo vencer as provas e demonstrar simpatia para a cada semana superar as eliminações e permanecer na casa.

Como *locus* desta pesquisa, esse *reality* foi escolhido pela grande repercussão que ele proporciona para os telespectadores e diante das mídias digitais, ou seja, as temporadas do BBB rendem muitos comentários e análises críticas. Corroborando com essa afirmação, Barros (2010, p. 2) destaca que a televisão “suscita intensos debates, que a colocam (...) como instrumento da evolução tecnológica e marco da construção da identidade nacional brasileira”. A 21ª edição do programa foi uma das que mais se destacou, por consequência da diversidade linguística que os participantes apresentavam e, principalmente, pelo modo de utilizar a linguagem.

A manifestação linguística dos jogadores Caio e Rodolfo da região Centro-Oeste acarretou uma série de perplexidades ao público, que por ainda não ter conhecimento da variedade da língua, inferiorizava o modo de falar desses participantes, ocasionando o preconceito linguístico. Partindo desse pressuposto, pretende-se discutir acerca das manifestações linguísticas presentes no BBB21, apresentando características e pontos que desencadearam uma gama de preconceitos nas redes sociais e na própria mídia televisiva.

3. Variação diatópica x padrão linguístico

Ao falar sobre a variação diatópica, de antemão, é necessário estabelecer um paralelo com o estudo das variações linguísticas sob a perspectiva sólida da fundamentação teórica baseada nos estudos varacionistas. Tratar das variações linguísticas conduz-se a uma série de discussões teóricas, as quais determinam conceitos, normas, mudanças, principalmente, relacionados à variação diatópica. Logo, esta variação é caracterizada pelas diferenças geográficas, ou seja, aquelas que estão ligadas ao espaço físico, regiões, entre outros.

A linguagem sofreu diversas mudanças, por isso, observa-se que a língua é um fenômeno sujeito a mudanças e não uma perspectiva homogênea e isolada. A linguística moderna proporcionou grandes alterações e mudanças nas relações entre a língua e a sociedade.

Não existe um comportamento linguístico homogêneo por parte dos ‘falantes cultos’, sobretudo (mas não somente) no tocante à língua falada,

que apresenta variação de toda ordem segundo a faixa etária, a origem geográfica, a ocupação profissional etc. dos informantes. (BAGNO, 2002, p.179)

Há dois pontos paralelos ao longo dessa história, conforme afirma Calvet (2002): o primeiro deles diz respeito ao caráter estrutural, voltado primordialmente para o estudo da forma da língua, o qual se preocupa única e exclusivamente com as formas estruturais que a língua se manifesta e não no seu sentido real de uso. Por sua vez, os avanços da linguística moderna desenvolveram abordagens que buscam investigar a língua em suas situações reais e efetivas de uso na função social e discursiva.

Nessa mesma perspectiva, ratificando o que foi exposto, Naro (2012) apresenta a seguinte ideia:

[...] o pressuposto básico do estudo da variação no uso da língua é o de que a heterogeneidade linguística, tal como a homogeneidade, não é aleatória, mas regulada, governada por um conjunto de regras. Em outras palavras, tal como existem condições ou regras que obrigam o falante a usar certas formas [...] e não outras [...], também existem condições ou regras mudáveis que funcionam para favorecer ou desfavorecer, variavelmente e com pesos específicos, o uso de uma ou outra das formas em cada contexto. Isto pressupõe que, na língua, variantes podem estar em competição no sentido de que ora pode ocorrer uma, ora pode ocorrer a outra. Porém, dado o pressuposto básico, deve ser possível identificar uma série de categorias independentes que influem neste uso. Estas categorias podem ser internas ao sistema linguístico ou externas a ele. No primeiro caso teremos fatores estruturais, no segundo fatores sociais. (NARO, 2012, p. 15-16)

Assim, ao discorrer sobre essas questões direcionadas ao caráter social da língua, apresenta-se a Sociolinguística, que é um ramo da própria linguística. Diante disso, esta área linguística tem como finalidade alcançar um modelo teórico-metodológico voltado para a análise da variação e da mudança.

No que se refere às variações linguísticas, é válido considerar que elas podem se apresentar de modo estável ou em um sistema mutável durante certo tempo, se identificando como uma variante co-ocorrem durante um determinado período, seja breve, seja prolongado, desencadeando assim, a mudança linguística correspondente à subsistência de uma variante em função do desaparecimento das outras variantes.

A sincronia e a diacronia estão presentes na Sociolinguística. Nesse sentido, a variação diatópica, mencionada neste artigo, é aquela em que as mudanças são observadas por meio do plano temporal que compreende as variações motivadas por fatores geográficos, socioculturais e estilísticos.

O campo da variação diatópica no plano horizontal da língua em consonância com as comunidades linguísticas se relaciona aos fatores responsáveis pelos regionalismos, provenientes de dialetos, ou melhor, dos falares locais. É destacado nessa variação a associação e oposição entre a linguagem urbana e a linguagem rural. Nota-se a prevalência das formas das variações relacionadas às condições sociais do indivíduo (falante) de se comunicar, ao seu contexto sociocultural inserido na situação de efetivação da fala.

Em virtude das diferenças apresentadas pela variação diatópica, no que tange o modo de falar, observa-se a presença divergente das relações semânticas que se referem ao significado das palavras. Mediante às mudanças na linguagem entre as regiões, conseqüentemente, gera o preconceito linguístico se valendo da noção de que a língua de determinada comunidade linguística seja superior.

Esse preconceito ainda persiste na perspectiva diatópica, pois não compreendem a mutação que a língua sofre entre as relações referentes ao vocabulário. Conforme Wardhaugh (1992) apresenta essa relação dos dialetos geograficamente e os dialetos sociais:

Enquanto os dialetos regionais são geograficamente baseados, os dialetos sociais, originados entre os grupos sociais dependem de uma série de fatores, sendo os principais deles aparentemente pertencentes à classe social, a religião e à etnicidade. (WARDHAUGH, 1992, p. 46)

A variação diatópica, principalmente as variações do estado de Goiás, região Centro-Oeste, caracteriza na fala um sotaque específico da sua construção sócio-histórica e cultural. Diante disso, o sotaque está inter-relacionado à presença da variação linguística devido às características regionais que revelam a identidade linguística dos falantes. Sendo assim, infere-se que ele está conectado com “a variação diatópica, a qual acontece devido às diferenças regionais” (XAVIER, 2021, p. 3).

Além disso, os falantes carregam em sua fala alguns fatores associados à prosódia, como a entonação e duração. O sotaque não menospreza nem inferioriza o falante, logo, exerce um papel sociocultural da linguagem em uso do falante. Em outras palavras,

[...] ele é a maneira como cada falante “canta” a sua língua, de acordo com a “melodia” própria de sua região, de sua classe social ou de sua etnia. É por isso que, ao falarmos do sotaque de alguém ou de algum grupo, é comum usarmos os adjetivos “cantado”, “cantarolado” e semelhantes para designar o traço prosódico característico dessas pessoas. (BAGNO, 2015, p. 276)

Bagno vem justamente comentar e contradizer essa noção de que o português é uma língua difícil que o próprio falante nativo propaga.

Como o nosso ensino da língua sempre se baseou na norma gramatical de Portugal, as regras que aprendemos na escola em boa parte não correspondem à língua que realmente falamos e escrevemos no Brasil. Por isso achamos que “português é uma língua difícil”: porque temos de decorar conceitos e fixar regras que não significam nada para nós. No dia em que nosso ensino de português se concentrar no uso real, vivo e verdadeiro da língua português do Brasil é bem provável que ninguém mais continue a repetir essa bobagem. (BAGNO, 2007, p. 35)

Os padrões linguísticos, por muitas vezes, ditam regras e concepções de como deve se manifestar a linguagem no processo de comunicação e situações de uso recorrentes dos sotaques e identificação linguística dos falantes. Os ditadores da língua portuguesa preconizam e difundem a ideia de que o brasileiro não sabe português, ou melhor, não sabe falar a sua própria língua nativa, no entanto, identifica-se que esta informação não procede.

4. *Preconceito linguístico e social*

Como tudo que existe no espaço, a língua a cada dia que passa constrói sua história, e com isso, passa por mudanças, momentos, gerações e até mesmo evoluções. Assim, é o contrário do que se entende como gramática, pois como exemplifica Bagno (2007, p. 9), em *Preconceito Linguístico*, “a língua é um enorme iceberg flutuando no mar do tempo, e a gramática normativa é a tentativa de descrever apenas uma parcela mais visível dele, a chamada norma culta”.

Por isso, não há como limitar a língua, sendo esta uma forma de manifestação tão espontânea do indivíduo, como algo congelado e extremamente imutável. É o que acontece com a questão aqui levantada: a fala “cantada”, ou seja, o forte sotaque dos participantes Caio e Rodolfo no BBB21. Analisar este cenário requer uma reflexão linguística/social sobre quem utiliza a língua, como a utiliza, seu contexto, intencionalidade e, sobretudo, a valorização das variações linguísticas.

Com o passar do tempo, pesquisadores, como Bagno (2015), vêm discutindo essa essência que há na língua e suas inúmeras formas de uso, até mesmo nos sotaques. O grande ganho é entender que não é preciso perder sua origem, mas sim manter seu uso de forma ampla e acessível, supervalorizando o falante e sua herança enquanto parte do povo que a cultiva. Logo, ao falar sobre isso, faz-se necessário se dissipar de qual-

quer conceito já estabelecido, mas estar apto a compreender a variedade que há no conhecer e desfrutar de uma língua em determinada região do país.

4.1. Uma falsa crença sobre a Língua Portuguesa

Durante muitos anos, desenvolveu-se uma “falsa crença” de que um usuário da língua portuguesa só o fazia com esmero quando de maneira muito sistemática seguia pontualmente todos os padrões concedidos pela norma culta da língua, ou seja, sua gramática e até mesmo maneira de se expressar. Assim, entendia-se ser necessário deixar de lado toda dinamicidade e bagagem cultural de quem fala, seu regionalismo, gírias populares e até mesmo espontaneidade, sendo algo que é crucial para tornar a comunicação mais próxima de quem participa do diálogo.

A partir disso, instaurou-se o que chamamos de preconceito linguístico, um olhar negativo para quem muitas das vezes não teve a oportunidade de estar em uma escola, ou até mesmo concluir sua formação acadêmica. Há, por exemplo, os casos de moradores da zona rural, onde existe uma ausência de “conhecimento gramatical”, mas um enorme acervo linguístico brasileiro por parte de quem fala. Outros momentos podem ser descritos onde existe, infelizmente, uma gama de situações em que a manifestação linguística fora dos padrões não é vista com bons olhos.

Essas formas diversificadas de manifestar a língua podem ser entendidas sob dois pontos distintos: o da valorização, ao se compreender a variação linguística enquanto riqueza cultural reveladora do dinamismo da língua; ou o da desvalorização, ao se estabelecer uma relação de comparação entre os diferentes falares, por meio da qual alguns teriam mais prestígio que outros em razão de diversas questões de cunho não linguístico, de modo que à proporção que se distanciam dos falares valorizados de menos prestígio gozam os demais modos de falar (POSSENTI, 1996).

O preconceito é mais grave e profundo no que se refere a variedades de uma mesma língua do que na comparação de uma língua com outras. As razões são históricas, culturais e sociais. Aceitamos que os outros falam diferente. Mas, não aceitamos pacificamente que os que falam ou deveriam falar a mesma língua falem de maneira diferente. (POSSENTI, 1996, p. 29)

Como mencionado anteriormente, a língua não é homogênea ou estática, mas sim um conjunto heterogêneo de diversidade, que se amplia

com o passar do tempo. As pessoas falam de diferentes formas, que variam de acordo com as peculiaridades do contexto social de que provêm e das relações e experiências que vivenciam ao longo de sua existência. Paralelo a isso, não é possível negar que a coexistência entre os múltiplos falares ocorra sempre de forma harmoniosa e livre de conflitos, ainda que haja espaço para uma convivência respeitosa entre eles. O julgamento depreciativo contra determinadas variedades linguísticas é algo que acontece a muito tempo, tornando assim o preconceito linguístico, e consequentemente social, algo real. De acordo com Bagno (2007b):

O preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe [...] uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogadas nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerado, sob a ótica do preconceito linguístico, “errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente”, e não é raro a gente ouvir que “isso não é português”. (BAGNO, 2007b, p. 38)

Complementando a afirmação acima, Bagno (1999) alega que:

O fato é que, como a ciência linguística moderna já provou e comprovou, não existe nenhuma língua no mundo que seja uniforme e homogênea. O monolinguismo é uma ficção. Toda e qualquer língua humana viva é, intrinsecamente e inevitavelmente, heterogênea, ou seja, apresenta variação em todos os seus níveis estruturais e em todos os seus níveis de uso social. (BAGNO, 1999, p. 27-8)

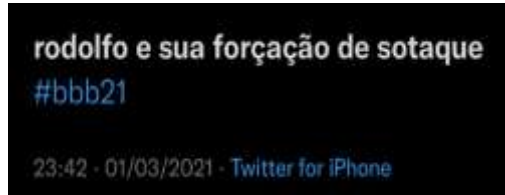
Logo, não é possível pensar e analisar a língua distante do contexto social. Afinal, é por meio deste mecanismo que o indivíduo organiza tudo em sua mente, inclusive, suas relações interpessoais. Por isso, o reconhecimento da dinamicidade linguística precisa ser abordado cada vez mais nas escolas, pesquisas, mídias e até mesmo por seus usuários. A fim de tornar as manifestações linguísticas mais respeitáveis e admiradas por seus falantes e até mesmo outras nações.

4.2. A dificuldade social com o “sotaque cantado” dos participantes do BBB21

Muitas vêm sendo as questões levantadas acerca do preconceito linguístico, uma vez que além das exigências do sistema educacional, também há as exigências sociais sobre os falantes. No presente artigo, sua intencionalidade será apontar a marca social que existe nas expressões linguísticas dos falantes do BBB21 – Caio e Rodolfo.

Para isso, a fim de evidenciar o preconceito linguístico/social vivenciados pelos participantes ao longo de toda exposição do *reality show*, serão apresentados alguns *tweets*, publicações da rede social *Twitter*, em que os internautas julgam o modo de falar dos participantes e pontuam em situações distintas onde acham ou não ser verdadeira a singularidade ao se expressar dos rapazes.

Figura 1: *Tweet*.

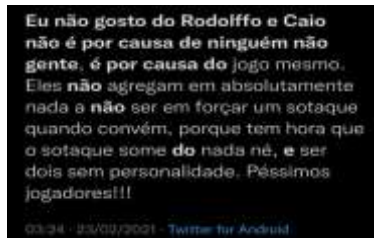


Fonte: *Twitter*, 2021.

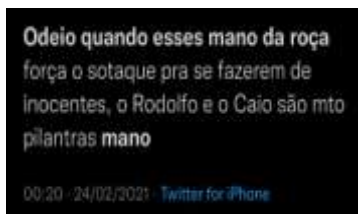
É possível notar na fala desse internauta a presença de uma não aceitação da maneira que Rodolfo se expressa. Deixando claro na expressão “forção de sotaque” a indignação acerca da fala do participante. Levando os seus leitores a entenderem que a bagagem cultural do falante é falsa, forçada. Além de não levar em consideração que o sotaque, muitas das vezes, é parte do contexto, ou seja, se o falante está nervoso ou ansioso, fazendo-o ter momentos de menores marcas de sotaque.

Com isso, Bagno (2015) faz questão de apresentar essa problemática em sua obra quando menciona os falares menos prestigiados. Provocando, automaticamente, no público, uma apreciação da cultura que mesmo que distante, também é a sua.

Figura 2: *Tweet*.



Fonte: *Twitter*, 2021.

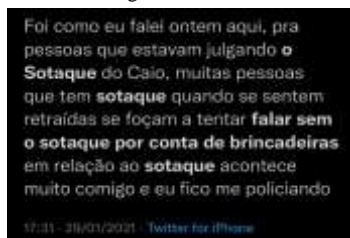
Figura 3: *Tweet*.

Fonte: *Twitter*, 2021.

Nos *posts* acima, é possível notar um repúdio ainda maior por parte do internauta ao fazer menção ao sotaque dos participantes. Em seu comentário, pode-se constatar a presença de expressões que denunciam o descrédito que o dinamismo utilizado pelos jogadores provoca no público.

Torna-se difícil pensar que um país, que busca o respeito e principalmente o desenvolvimento em diversas áreas, menospreza até mesmo a linguagem de seu povo, fazendo o indivíduo se autocondenar por sua forma de se expressar.

No entanto, em contrapartida, há também a presença de *posts*, como o que está exposto abaixo, que tentam justificar alguns momentos de fala dos participantes, assim, refuta a opinião preconceituosa de alguns internautas.

Figura 4: *Tweet*.

Fonte: *Twitter*, 2021.

Como exposto acima, um falante que vivencia a mesma situação, aproveita seu espaço de fala para ilustrar o que acontece com o sotaque em diferentes contextos. Levando o internauta a refletir sobre uma ideia já preestabelecida, que propicia um pré-julgamento, fazendo ocorrer o preconceito linguístico/social pela ausência de entendimento acerca dos dinamismos da linguagem.

Assim, torna-se necessário falar cada vez mais sobre a diversidade que há na cultura brasileira, que há algo semelhante no povo, fazer parte de uma mesma essência e raiz, mas cada um revelando um pouquinho de seus costumes e até mesmo jeitos de se expressar.

5. *Mídia do Sudeste: por que falar assim?*

No meio social, existe uma diversidade de cultura, religião, raça e língua. Esses aspectos caracterizam o indivíduo ou determinada comunidade. Sendo assim, essa diversidade precisa ser respeitada sem que uma característica seja considerada superior a outra. No entanto, no que diz respeito ao Brasil, nem sempre essa diversidade é apresentada pela mídia, pois os aspectos culturais da região Sudeste dominam o espaço televisivo, anulando, assim, a perspectiva de ser diverso. “Enquanto o rádio preservava as diferenças de sotaques, ritmos e sons, a televisão se esforçou para erradicar as regionalidades, no sentido de “integrar” a população brasileira” (BARROS, 2010, p. 10).

A Rede Globo é uma das emissoras responsáveis por evidenciar, em suas telenovelas e jornais, a caracterização da população nacional como um todo único e igual.

O significado desse movimento [...] no plano cultural, é que todo o país passou a compartilhar, via TV, uma determinada imagem do Brasil, e de suas características, inteiramente construída no Sudeste, e por um número bastante reduzido de pessoas, os roteiristas, redatores e artistas de meia dúzia de emissoras, no máximo. [...] A “identidade nacional”, portanto, ou a visão que os brasileiros têm de si mesmos e do país, passou a ser medida fortemente pelo ponto de vista das duas maiores metrópoles. (PRIOLLI, 2000, p. 19)

Por influência dos aspectos sociológicos, a formação identitária do indivíduo se dá por meio da “interação entre ‘eu’ e a sociedade” (HALL, 2003, p. 5). Muitas vezes, a mídia não compreende esta conceitualização e acaba desvalorizando as falas que não dialogam com o padrão linguístico. Assim, quem não segue essa padronização linguística acaba sendo excluído dos meios de comunicação, não tendo voz.

Os meios televisivos, principalmente os jornais, fazem o uso de uma língua padrão que se aproxima mais da região Sudeste do Brasil. Nesse sentido, os repórteres e as pessoas que estão na mídia seguem uma língua imposta pela mídia televisiva. Os participantes do BBB21, Caio e Rodolfo passaram por essa situação no reality show, pois eles tinham a noção que estavam participando de um programa de uma das maiores

emissoras brasileiras e, por isso, pode ser que eles optaram por utilizar uma linguagem mais próxima da qual estão acostumados a assistir na TV Globo, até mesmo por receio de sofrer preconceito linguístico. Desse modo, em alguns momentos, os brothers preferiram “falar sem sotaque” que coincide com a pronúncia padrão, “aquela resultante de uma síntese das falas das camadas mais letradas da região Sudeste” (BAGNO, 2015, p. 278).

De acordo com Bagno (2015), essa situação está conectada com o fenômeno da autodepreciação, que corresponde ao ataque sofrido por falantes de sotaques menos prestigiados quando confrontados com os mais prestigiados. Essa questão está ligada ao fato de não quererem que o sotaque chame mais atenção que a notícia. Por esse motivo, a Rede Globo elaborou o Padrão Globo de Jornalismo, onde há uma padronização do sotaque.

Observa-se que houve um projeto explícito de padronizar as pronúncias do Brasil em uma que seria a padrão: a do Rio de Janeiro, com as exceções citadas acima. Tal projeto pretendeu dar uma unidade ao falar do telejornalismo da TV Globo. Essa padronização do falar está dentro de um projeto maior, que é a implementação do padrão Globo de Telejornalismo. (MENDES, 2006, p. 21)

Apesar da mídia televisiva propor essa imposição linguística, torna-se inviável estar sempre controlando o sotaque, principalmente em um reality show, onde mostra a convivência diária de várias pessoas que moram em lugares diferentes, portanto, o modo de comunicação desses indivíduos apresentará variações. Nessa perspectiva, quando uma emissora de televisão impõe que a expressão de um repórter e/ou personagem aconteça por apenas um modo de falar, ela está destruindo “o desígnio artístico ao reduzi-lo a um momento secundário e totalmente condicionado” (BAKHTIN, 2010, p. 181). Sendo assim, nesse contexto, ocorre uma exclusão das marcas linguísticas do falante, as quais são fundamentais na revelação de sua identidade.

É possível inferir que quando a mídia dá preferência a determinado sotaque em detrimento ao outro, ela está desprezando não só o modo de falar alheio, como também toda a cultura de um povo, não desenvolvendo, assim, a competência comunicativa, pois

a competência da comunicação exige habilidade para o falante se relacionar efetivamente com outras pessoas no processo, cujo componente importante é a habilidade da expressão, do respeito e da consideração positiva por outra pessoa, vendo-a no seu contexto sócio-cultural. (ARAÚJO, 1993, p. 21)

Existe um grande número de emissoras espalhadas pelo país, no entanto, a mídia está acostumada a exibir e/ou reproduzir uma linguagem mais próxima do Sudeste, eliminando as características linguísticas das outras regiões brasileiras, por considerar que estas não são adequadas ao meio midiático. Por isso, quando esse meio de comunicação coloca as variações regionais em evidência, nota-se a presença de inúmeros comentários, sejam positivos, sejam negativos, principalmente nas redes sociais, local onde as pessoas passam boa parte do tempo. Essa situação ocorreu com Caio e Rodolfo, o sotaque deles gerou uma grande repercussão na mídia, afinal, muitos desconhecem essas ideias variacionistas que existem em torno da língua.

6. Conclusão

A mídia tem um papel fundamental na transmissão do conhecimento, visto que está cada vez mais presente no cotidiano das pessoas. Com isso, é essencial que ela divulgue informações verídicas, as quais não devem propiciar o preconceito, seja ele linguístico ou não. Nesse contexto, torna-se necessário que os diversos sotaques estejam presentes no meio televisivo, a fim de mostrar a riqueza que a língua possui e promover uma educação linguística eficaz, afinal, o Brasil é um país composto por diversas regiões, com diferentes comunidades linguísticas e todas precisam ser valorizadas.

Nota-se aqui, a importância de programas como o BBB, que além de trazer a discussão sobre o regionalismo, evidencia a diversidade do povo brasileiro. Nessa perspectiva, ele proporciona aos telespectadores e até mesmo aos participantes uma extensa bagagem cultural acerca do que é ser,666 .de fato, brasileiro. Discussões como esta devem ser levantadas e analisadas todos os dias, pois a cada dia que passa, evidencia-se uma busca por um país mais empático, justo e, sobretudo, que inclui a todos.

Falar sobre a linguagem é despertar nos diversos povos a importância de valorizar o vasto dinamismo que a língua pode propiciar aos seus falantes e até mesmo na arte, que potencializa programas como o BBB. Diante do que foi exposto, pode-se concluir que a variação linguística é real e deve conquistar seu espaço de respeito e valorização no meio social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Gilda Maria de. A língua como humanizadora na interação interpessoal. *Investigações: Linguística e teoria literária*, v. 3, Publicação anual do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Recife, 1993.
- BAGNO, Marcos. *Preconceito Linguístico*. 56. ed. rev. ampl. São Paulo: Parábola, 2015.
- _____. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 49. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007b.
- _____. *A linguística da norma*. São Paulo: Loyola, 2002.
- _____. *Preconceito linguístico: o que é e como se faz*. São Paulo: Loyola, 1999.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *Estética da criação verbal*. 5. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- BARROS, Amanda Aparecida Silva. A Televisão como mídia sócio-cultural. In: Encontro de estudos multidisciplinares em cultura, 6, 2010, Salvador. *Anais [...]*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2010. p. 1-15
- CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.
- HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na pós-modernidade*. 8. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- MENDES, Conrado Moreira. *O falar do Jornal Nacional: produção e recepção de um sotaque de natureza ideológica*. Belo Horizonte, 2006. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/mendes-conrado-o-falar-do-jornal-nacional.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2022.
- MENDONÇA, Fernanda Graebin. A (má) influência da mídia nas decisões pelo tribunal do Júri. In: Congresso Internacional de Direito e Contemporaneidade, 2., 2013, Santa Maria. *Anais [...]*. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2013. p. 370-83
- NARO, Anthony J. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, M. Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 4.ed. São Paulo: Contexto, 2012.

POSSENTI, Sírio. *Porque (não) ensinar gramática na escola*. Campinas-SP: Coleção Leituras no Brasil, 1996.

PRIOLLI, Gabriel. Antenas da brasilidade. In: BUCCI, E. (Org.). *A TV aos 50: criticando a televisão brasileira no seu cinquentenário*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

XAVIER, Mayara. *Os Bastião e o sotaque*. Itaperuna, 6 mar. 2021. Instagram: @profa_may. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CMFXRFxjs0h/>. Acesso em: 03 jul. 2022.

WARDHAUG, Ronald. *An introduction to Sociolinguistics*. Oxford UK & Cambridge USA: Blackwell, 1992.